PLEIÂDES

XIV Concurso Literário
Francisco Álvares de Nóbrega “Camões Pequeno”

LORD NASREDDIN
2021

Capítulo 1

PRISÃO

A brisa é ligeira. O outono já sussurra. Às vinte horas o anoitecer declara-se. É uma mensagem explícita de amor. Não há uma nuvem sequer a espreitar no horizonte. Casamento nunca visto, graciosos que estão Serra e Céu, Terra e Mar, Madeira e Eternidade. Há relações metafísicas inexplicáveis: amantes e amados, finalmente, um diante do outro, sem elos de terceiros. Tem sido assim, século após século, desde os tempos imemoriais do avistamento do arquipélago, e só mais tarde, no ciclo do povoamento, no ano de 1425, quando El-Rei e Senhor Todo-Poderoso Dom João I decretou a presença humana neste lugar. Regressaram Zarco e Teixeira, e assim que atracaram, desenharam uma linha imaginária, dividindo o rochedo em duas ideias - Sul e Norte. Assim floresceram os sonhos, apossaram-se as desilusões, manifestou-se o cenário existencial. Agradeça-se a eles. Aos desconhecidos, que foram morrendo, e antes viveram. Sem eles, outros não existiriam. Como Laura Malvasia e Manuel Sercial. Ou a leitura da sua história.

Adoram a sua ilha. E o lado norte da mesma. Nasceram nele, no Porto da Cruz, a sua terra. Estão dentro do Atlântico, assim sentem, abraçados no oceano, criados e crescidos numa geografia íngreme, entre cumes e socalcos, picos e veredas, embalados no destino de ser. Ambos gostam das histórias de explorações marítimas, nomeadamente da armada lusitana. Nelas encontram fascínio e glória. O mar assiste-lhes. É a sua personagem central, porque é dela que imaginam, porque é dela que principiam. Não excluem as piratarias, decerto, corsários muito menos, bem como as suas escaramuças e aventuras, para não falar dos famosos tesouros nos mapas das fantasias. Laura sabe-os por via da sua tutora. Chama-se Margarida Verdelho. Aqui e acolá, consegue resgatar do arquivo histórico da tutora algumas façanhas rocambolescas. A tutora até gosta. Das explorações polares, acima de tudo; do risco do desconhecido, da emoção que desafia a morte, dos acres dissabores que lhe vêem associados. Também tem heróis. Amundsen, o norueguês, é o seu predilecto. Tem recortes de todos os *Diários da Madeira* sobre a sua biografia, as suas viagens, quer a sua escala na ilha em 1911 quando rumava à Antárctida, como da sua morte em 1928, há três anos atrás no Círculo Polar do Ártico. Por uma questão de segurança, de defesa pessoal até, não vasculha o seu arquivo tantas vezes como gostaria. Faz parecer, por isso, um suposto desinteresse, que não tem, quando tão só domina a arte de fingir o fingimento, técnica de que se socorre amiúde o ser humano. De modo que é um alento, uma

alegria mesmo, quando Laura lhe pede para narrar alguns episódios à socapa das lições de matemática e gramática portuguesas, e assim, pulando por dentro, dá azo ao seu contentamento. Laura, não. Não precisa disso, de fingir tão-pouco. Fascina-se com as histórias. E aprende muito bem. É muito boa aluna. Além do mais, tem consciência de que é diferente dos demais, privados do que ela tem: lições individuais. Mas não se vangloria. A sua doçura traz-lhe um sentido de partilha utópico. Por ela, convidavam-se todas as crianças da freguesia para ter aulas na sua casa. É uma quinta enorme. Chamam-lhe a "Panorâmica". Todos conhecem-na. É a mais alta da freguesia. E a maior do concelho. De lá avista-se o futuro. Só que Laura não está autorizada a abrir as portas. Não que o seu pai seja severo. Pelo contrário. Ele é um benemérito, contribui para várias instituições de beneficência, não permite que a fragilidade seja engolida pelo negrume, nem desautoriza a invasão da mendicidade nas ruas, impede tão só que a orfandade domine os lares. Mas ele não consegue tudo. Só um homem não dá. Por isso tem de dizer não, recusar a vontade deste bem educacional na sua propriedade, e às vezes é preciso, mesmo à sua filha, que deverá ter herdado a sua atitude altruísta. A aprendizagem ainda é, se é que não será sempre, por estas e outras bandas, teimosamente selectiva: Laura, na sua casa; os restantes, a largos quilómetros das suas. Manuel, por exemplo, não sabe o que é a escola. Foi-lhe sonegada. Quis ir, esperou por esse dia, ansiou acompanhar Laura, mas abruptamente viu-se obrigado a ajudar os pais. Vale-lhe a sua audição. Gosta de escutar as vozes dos outros. É um profundo admirador de Fernão de Magalhães. Tem o sonho de dar a volta ao mundo, se possível como ele o fez, a circum-navegar, não se importando de escovar o convés, não senhor, se isso significar a liberdade de estar no mar, de ler o quadrante, de ser outro que não é e quer muito ser. Conhece esta e as outras histórias, as sobejamente narradas e acrescentadas nos pormenores, a de Pedro Álvares Cabral, por exemplo, e a sua chegada a Vera Cruz, que singelo e belo deverá ter sido tudo aquilo, a estranheza e o assombro de contemplar aquelas terras, aqueles rostos, aqueles espantos que explodiam beleza por tudo quanto eram lugares daqueles olhares. E assim se sente Manuel, um viajado e um viajante, quando ao final do dia esperado, sempre que possível, às vezes pela oralidade, noutras, pela paciência disponível, se transpõe para outra dimensão - a da interpretação. Ouvir e imaginar cruzam-se. Nem sempre na harmonia desejada; perigosamente, por vezes. Também se dão desencantos e desenganos, escárnios e maldizeres, uns e outros não se conhecendo já, falando parcamente, amando-se muito menos.

- Já pensaste como teria sido a chegada dos descobridores à nossa ilha?

É Laura que pergunta. Quase sempre é ela, porque ela é assim, curiosa e autêntica, verdadeira e espontânea. Manuel não responde. Ou melhor: não quer responder. Está

compenetrado, demasiado até, coisa estúpida de se dizer a um jovem de dezassete anos, tal a seriedade, como se puxasse um carro de bois, pesado e carregado, não tendo paciência para ouvi-la. Tem as mãos atrás das costas. Parece que aconchega qualquer coisa atrás delas. Caminham juntos. Lado a lado. Querem ir ao Fortim do Pico. Dali avista-se o oeste do hemisfério, eco do início de todos os desejos, anúncio de todo o esplendor. Laura continua. Mas a pergunta é outra.

- *Sabes quem foi Francisco Álvares de Nóbrega? Eu digo-te: um poeta. A minha mãe admira-o muito. Nasceu no nosso concelho, sabias? Morreu jovem. Em Lisboa. Conta-se que com dores insuportáveis, dessas que ninguém imagina. Denominaram-no de "Camões Pequeno", apelido que parece ter ganho no cárcere. Mas deixou-nos um tesouro: a sua poesia. Vou-te ler uma. Da nossa ilha.*

Que secura de figura. Nem se digna a olhar para ela, não escorre sequer uma pinta de sensibilidade, um esgar de uma reacção, uma breve centelha de si mesmo. Nada. Mas Laura não se retrai. Tem uma fantástica memória. Nem se atrapalha com os vocábulos difíceis. Sabe poemas atrás de poemas. Além de escutar, adora ler. Tem o privilégio de ter uma biblioteca em casa, e a inteligência de aceder à mesma. Ainda para mais, com primeiras edições. É o caso do poeta português e das suas *Rimas, que em signal de reconhecimento oferece ao Senhor Manoel José Moreira Pinto Baptista*, editadas em 1804, na cidade de Lisboa, pela Tipografia Lacerdina. A recitação começa.

- "*Do vasto Oceano flor, gentil Madeira / Que murta viçosa o cimo enlaças, / Sóbria a teu seio amamentando as Graças, / Com o vítreo suco da imortal Parreira / Daquele, que em ti viu a luz primeira, / Se acaso é crível que inda apreço faças, / Entre o prazer das brincadeiras taças* (…)".

Laura fica-se. Não prossegue mais. Porque mesmo assim, Manuel não se dignifica a parar. Ou a ouvir a declamação. É como se estivesse e não estivesse ali. Parece um fantasma! Tem sido assim há algum tempo. O juízo alterou-se, o comportamento modificou-se. Há razões que a própria razão tem dificuldade, ela própria, de entender por si, e quando as quer elucidar, perde toda a sua razão. Manuel tem as suas, são perigosas, mas se são justificáveis, ou se são justificadas, ao anoitecer saber-se-á. Tem um plano. Pensa nele há muito. Vai executá-lo. Será ali no alto, a alguns metros acima do mar, naquelas ruínas do Fortim, sem luz solar, sem ninguém a ver, apenas o Atlântico a dormitar. E não falta muito. É no final deste dia, desta história também. Não há volta a dar. Laura desconhece a intenção de Manuel, longe de

adivinhá-la e decifrá-la, quando ela é, injustamente, uma dessas justificações. Laura desvaloriza a sisudez de Manuel. Já o viu assim noutras ocasiões. Não estranha, nem o estranha. Nenhum deles disse a alguém que fosse que vinham. Nem aos pais. Queriam que fosse algo só deles, um segredo seu, uma memória privada que ficasse consigo. Haviam já acertado que seria hoje, ao final da tarde, que se poriam a caminho aproveitando a festa e a confusão, a distracção e a alegria da mesma. É uma paisagem sublime, encostas assustadoramente grandiosas, vales majestosamente esculpidos, lugares onde a natureza se pôs a brincar de Deus. Estão agora a chegar à praia da Alagoa. As águas estão serenas; as ondas não rebentam zangadas. Quando Laura quer saber.

- *Tu achas que o Mar é uma prisão?*

Manuel pára. É surpreendido pela interrogação. Instintivamente, as mãos saem de trás das costas. Pode ser uma amostra, pequena que seja, do outro Manuel que ainda parece estar dentro de si, boas qualidades que ficaram, talvez não se apagaram ou se extinguiram. Afinal, o fantasma reage; tem uma voz; é real.

- *Prisão? O que queres dizer com isso?*

Laura quer sair. Tem quinze anos, mas já distingue admiravelmente a conquista entre ficar a viver ou morrer a saber. Muitos adultos não sabem sequer dessa fronteira entre estar e ser, e amiúde, só poucos a reconhecem, e só os escassos ainda vão a tempo de atravessá-la. Laura tem uma inabalável convicção. E assim do seu regresso à ilha. Um dia, claro. Quer ir, mas quer voltar; a vida é circular, não é linear. A sua tutora falou-lhe, numa dessas idas ao arquivo histórico de si mesma, que outrora viveu um rapaz chamado *Alexandre, o Grande*. Disse-lhe que este foi ensinado por Aristóteles, o melhor do seu e de todos os tempos, pelo menos opinava assim. Laura perguntou-lhe tudo o que pôde perguntar sobre Alexandre: a sua idade, a sua altura, o porquê de *Grande,* as suas paixões, as suas vestes, se tinha amigos, animais de estimação até. Mas ouviu de Margarida isto: a importância que Aristóteles fez ver, sentir e acreditar a Alexandre que o mundo é um enigma, que não cabe num mapa, que não termina numas linhas, que as formas das mesmas estão para além da percepção humana. Laura perguntou-lhe "Então, e o Alexandre, Professora, o que fez?". Margarida respondeu-lhe "Aprendeu e foi à procura". Laura gravou-a na alma. E o medo que lhe assiste, a indeterminação que lhe emerge, a esperança que lhe subsiste. Trá-los consigo. Explica a pergunta que fez.

- *É por ser um mostrengo, Manuel; porque pode erguer-se e impedir-te, engolir-te se quiser; e simultaneamente, desafia-te a lutar e a vencer.*

Manuel olha-a. Continua parado, mais vidrado até. Entende-a também. Mas doutra perspectiva. É o raciocínio do seu *mostrengo,* da sua *prisão* também. Cresceu no meio dos engenhos da cana sacarina, defende-os e venera-os, trata os canaviais como amigos, tem na aguardente o seu maior confidente. Trabalha ainda no meio, mas não quer morrer com ele. E o seu plano passa por aí. É uma necessidade. Para ele, é naturalíssimo que o mundo se tenha enfiado e aninhado num ângulo industrial, unicamente filtrado pela produção, compassado pelo seu processo. Para Manuel Sercial, o mar também pode ser uma doença, um ataque fulminoso à sanidade e à condução da vida, vida que se afoga e afunda, num instante, feita barcaça em pleno Atlântico. Revê-se na perspectiva de Laura, sim. Para ele, o mar é uma fermentação incessante, que se transforma quimicamente, que liberta uma energia lêveda, átomos que se espalham e se respiram; é um alambique que produz vapor, pressão e calor sobre o sentido de todo o horizonte; é uma destilação cuidada e acutilante com a identidade; e, acima de tudo, um envelhecimento das ideias, das pretensões, das vontades, dos anseios, dos sonhos com certeza. Contudo. Há esse plano. Manuel tem tudo calculado, não havendo imprevisíveis previstos. Só que não diz qual é o esquema. E Laura faz parte dele. Além do mais, parece que o diálogo lhe despertou do sonambulismo. Manuel questiona-a.

- *E quando saíres, queres ir para algum lugar especial?*

Lisboa, Paris, Londres, Viena, Nova Iorque são as predilecções. Evidentes, mas aleatórias. Outras cidades existirão, decerto, proporcionadas pelos pontos que não estão no mapa, tal e qual Aristóteles tinha dito a Alexandre, sítios que estão para lá dos empórios imaginados. Mas aquelas são as cidades da moda. Ou a moda parece estar nelas, à dimensão das suas cinturas. Muitas vezes, às escondidas, Laura escuta as conversas que a sua mãe tem com as amigas. Ora são os casacos numa, ora é a colecção de luvas noutra, desde as novidades às tendências do ano. E depois, tão próprio do universo feminino, têm as imagens dos modelos em voga, das saias na berra. Tudo é perfeito. Nada é deixado ao acaso. Não são muitos os catálogos em casa, mas podê-los ter, vê-los e folheá-los ajuda muito. Para Laura, é o seu *Mundo Novo,* o seu ideal que se afina, a linha do meridiano que se define. E não tem dúvidas: terá de se soltar da prisão.

Manuel prossegue. Mas não é apenas a curiosidade, ou a reconfirmação de conversas que já tiveram. É porque há um propósito. Macabro, sinistro. E isso dá-lhe uma satisfação, um intrigante e júbilo interior.

- *E não mudaste de ideias quanto ao que pretendes fazer?*

Podia existir, sim, uma mudança de ideias. Até mesmo as ideias, que se mudavam, mas eram agora outras. Seria fácil, à partida, sobretudo com a idade de Laura e de Manuel, quando as decisões não parecem pesar assim tanto, tampouco os rumos, que se despertam daquelas e não se sentem ainda perdidos. Mas não. Laura é diferente. Teimosa, persistente, louca, cheia de razão. Quer ser estilista. As narrações das viagens aguçam a arte da sua firmeza. Ajuda ter-se representado uma *Branca Teixeira* ou *Constança Rodrigues*, figuras esbeltas no seu século, esposas dos primeiros donatários da ilha e que, decerto, dignificaram a mesma. Com Laura, a ideia não morre. Se morrer, será apenas o olhar que a alberga. É uma admiradora confessa da estética da sua mãe. Diz-lhe que se sente sortuda por ela saber vestir-se, por saber executar o conceito de beleza, não o denegrindo, nem abusando dele, até porque podia não fazê-lo, nem o saber sequer. Ser sensual é uma coisa; ser vulgar é outra. Tem pelo guarda-roupa da mãe um enorme fascínio. Não se cansa de observá-lo, tecidos oriundos de terras continentais, outros, expressamente pedidos na ilha, onde são bordados a preceito, com fina técnica, condizentes nas suas cores. Isto para não referir os adereços. Luvas, cachecóis, e claro, os chapéus de aba larga. Representa-se neles todos. Não esconde o desejo de experimentá-los, quer a mãe esteja ou não presente. E tudo contribui para a sua apetência de desenhar. Envolve-se nos rabiscos, leva-se pela liberdade de criar, entrega-se aos esboços das formas. E não é uma distracção, um passatempo de uma menina rica e mimada, ocupando tão só o seu tempo. Pelo contrário: é um ganho de vida, uma maré de expectativas que se eleva, um projecto transcontinental que escala montanhas. Revê-se, assim, nas grandes exposições mundiais, não pela vaidade de ser, mas porque ela é a face por detrás da obra, da obra que é sua, e que desfila, se reconhece e se passeia pelas ruas do nosso mundo. Manuel ouve-a. E sorri. De gozo. Regressa à posição circunspecta, com o rosto na direcção do solo. Laura nota. Pergunta-lhe.

- *De que te ris?*

Manuel não diz. Muito menos o porquê, porque há um, sempre, atrás de qualquer expressão. Laura insiste.

- *Achas isto tudo uma fantasia, não é? Que os meus pais não me vão deixar?*

Capítulo 2

NOCTURLÁBIO

A rádio. Na ilha, ela é a janela cognitiva preferida. Dela, vê-se e ouve-se o mundo lá fora, cá dentro, descobre-se o que se dá a descobrir. Mas a excelência da comunicação ainda pertence aos matutinos. Está-se em 1914. É ainda muito cedo para antecipar o futuro longínquo, adivinhar em que ponto pára a roda da invenção. Enquanto isso, há esta, abençoada e salvadora rádio, electricidade que se movimenta pela atmosfera em ondas, registadas, sintonizadas consoante as moradas, emissões que se perpetuam enquanto existir velocidade da luz. Mas é uma companhia também. Para muitos, é a única até. As vozes são anónimas, mas confidentes; ausentes, mas presentes, o que perfaz a harmonia desejada, o equilíbrio de opostos entre si, sons que reforçam os desejos de quem ouve, que não negam as vontades de quem escuta, que não são mal-educadas, que conjugam correctamente o verbo ser, que compreendem a natureza de um beijo, de um carinho e de um abraço. São quase vinte horas. Apresta-se a vinda do único noticiário diário. Há sempre uma novidade, mesmo aqui, onde tudo parece um marasmo, e depois vai-se a ver que não, porque há-que estar atento, manter-se actualizado com a volta que o planeta dá a si próprio. É uma abertura sonora diferente. Para o fiel ouvinte, como é José Bual, não há ilusões: a emissão é especial. O timbre do radialista mostra nervosismo, algo tremido até, prova da seriedade do assunto. Talvez medo, talvez prenúncio de qualquer coisa. Lê-se o comunicado de que a Inglaterra acaba de declarar guerra à Alemanha Imperial. Indirectamente, a Portugal também. Ser aliado também é desvantajoso, traz responsabilidades indesejadas e assustadoras. A aliança anglo-portuguesa deverá perdurar; o país não poderá faltar ao cumprimento das suas obrigações, se é que uma guerra seja uma obrigação. Prossegue a notícia. O presidente do Ministério, o excelentíssimo senhor Bernardino Machado, afirma que o país não pode ser beligerante nem neutral. Decreta-se, por isso, o envio de dois destacamentos mistos para Angola e Moçambique, artilharia, infantaria e cavalaria, os três imprescindíveis, agendando-se o embarque para daqui a um mês, no início de Setembro.

Este Agosto está muito quente. Soleva-se uma aragem. Sabe bem. Talvez seja Éolo, Deus dos Ventos, ou Bóreas, o Vento do Norte, e um ou outro tenha passado agora por aqui, augurando inquietação pelo que virá, também preocupados com o anúncio do confronto bélico. Os tentilhões e os melros-pretos gostam deste arejo, esvoaçam e chilreiam prazerosamente, estão felizes por não serem humanos, muito menos fantoches nas mãos de outros. José vive

acima do Atlântico, o que não deixa de ser beatífico, ainda que a altura seja assombrosa, e o medo de escorregar um desassossego. Mas José não acha isso. Conhece a área de fio a pavio. Trata-a por *tu.* Desloca-se por estes poios todos os dias, à chuva, ao sol, entre a bruma, dentro da neblina. É meiro. Trabalha, mas não vive na *Quinta Panorâmica*, ao contrário de tantos como ele, que preferem ser *caseiros,* e assim viver na casa dos outros. No entanto, tem essa oportunidade. É só querer, e o seu Patrão, o amado senhor Henrique Malvasia, acolhe-o como um filho na *Quinta*, mas um filho diferente, em quem confia na sua responsabilidade e aprumo. Mas José não quer. Prefere o seu espaço. Não está localizado longe da *Quinta*, é verdade. Porém, é o seu, pequeno e cómodo, espiritual e único. Gosta de andar a pé. É um modo de ser livre, de se sentir integrado na natureza, de ser uma simples peça no todo da engrenagem. E depois, há Isaura Terrantez. Claro. A doce, meiga, esbelta Isaura. Ficar na *Quinta* tornaria tudo mais complicado, e assim, entre o intervalo desta com a sua casa, há ladeiras e socalcos de esconderijos. Não haveria outra forma de se encontrarem. E ele gosta tanto dela. Ela também. Tanto mesmo. Não é difícil amar; é, sim, difícil encontrar. Ambos sabem. Não demoram a ver-se. Secretamente. Têm um requintado sistema de codificação. Só pode ser assim, como nas anteriores, e em todas as ocasiões em que podem estar juntos. Agendaram desta vez mais perto da *Quinta*. Não se vêem há uma semana. Foi Isaura que lhe pediu. E José compreendeu logo. É que na propriedade está-se a iniciar a época da ceifa das canas-de-açúcar. É necessário preparar, organizar, delegar tarefas, aceitar a confusão que há sempre, a azáfama que faz parte, a alegria contagiante para uns, a inquietação alarmante para outros. À *Quinta*, oriundos de todos os pontos cardeais da ilha, assoma a maior panóplia de rostos: novos e expectantes, sabidos e experientes, oferecidos e carecidos, mas todos agradecidos, pois havendo ainda uma hipótese de colheita, é de se gratular a oportunidade divina. O fantasma da decadência da indústria é real. A produção já não tem que ver nada com os tempos da expansão económica. A fama já não sobrevive à miséria e à fome. Além disso, há a concorrência de Espanha, Brasil e África. São concorrentes que pressionam a sobrevivência de quem está neste cubículo ultra-periférico europeu, lutando por manter a oferta acima da procura. Para Isaura, o fundamental é ajudar. A criadagem bem lhe pede que não faça nada, e Henrique, o seu noivo, igualmente a mesma coisa, porque nem precisa sequer, o que para Isaura é inadmissível. Recusa a passividade, a inércia e a preguiça motoras. Gosta de participar. De gerir, sobretudo. O seu paladar e tacto são mais apurados, tem sensibilidade no comentário, vê e está à frente de todos, é atenta à mudança, à mutabilidade do olhar humano, à adaptação do conceito à realidade, decide dentro de uma perspectiva diferente dos demais. É uma mulher. A sua órbita e a órbita das suas coisas são distintas. Isaura é humanista, dialoga com os trabalhadores, reconhece-lhes direitos básicos,

não se põe dentro de juízos que diferenciam, não compactua com regimes feudais masculinos, porque há muitos, exagerados e parvos, o do capataz, por exemplo, que não nutre simpatia por si, talvez porque não conseguirá ser o que ela é, talvez porque é uma mulher, decerto porque são ambos.

José chegou. Passam alguns minutos das vinte horas. A voz da rádio ficou a falar sozinha. Seguramente, a emissão deixou de ser especial, e igualmente tenha sido substituída, dando lugar a algum êxito musical, nada de extraordinário, somente algo que amenize a ansiedade lusa. Contudo, se não se calou, é como se tivesse calado, pois já se tinha ouvido aquilo que se tinha de ouvir nas entrelinhas do que não se ouviu. Apesar de tudo, José está calmo. Não poderá falar por outros corações masculinos, com certeza, que batem mais depressa; ou pelas faces das mães que espelham sofrimento, pelos abraços dos pais que controlam a dor, nem pelas bocas das esposas que esgotam todos os beijos. Da pedra em que está sentado vê-se a costa. É uma baía magnífica, um braço de mar que desperta a perspectiva, que se solta do seu aperto, que se expande pelo Atlântico. Que loucura tudo isto! Ele sabe que terá de dizer a Isaura. No percurso, tratou logo de pensar, de encadear justificações, de unir associações umas atrás das outras: jovem, vinte e cinco anos, insular, madeirense, português, tudo se destina a ser escolhido. E mesmo que não seja, não ficará à espera para saber. Há sempre reservas, e ele pode lá ficar, sendo levado para batalhas grotescas. Porque há. Numa guerra é incontornável. Para José, é muito simples. O reino das possibilidades descamba na única opção: fugir. Amanhã, depois de amanhã no máximo. Ele sabe que há cruzadores que chegam e partem do Funchal. Só que é tudo repentino. Tudo. Quando José se vira. Sente alguém. Ouve a ramagem a ser pisada. Levanta-se. Só pode ser Isaura. Nem mais. Tão graciosa. Nunca viu uma pose como esta, cabelo e olhos babilónicos como testemunhou, uma pele alva como encontrou, uma face rosada como contemplou. Tão bela que ela é; tão simples que ela está. Abraçam-se imediatamente, viajados para o interior de uma bolha de ar sustentável, desafiando as leis naturais da física, suspendendo-se o curso inquebrantável do tempo e do mundo nele. Só depois há o beijo, pleno e intenso, na eternidade do agora. Isaura interrompe-o.

- *Viste alguém?*

- *Ninguém passou.*

É a preocupação subjacente. Em circunstância alguma poder-se-á saber, ou supôr da sua relação, embora o rumor seja um modo inapropriado de conhecimento e os seus efeitos solidifiquem a pobreza de espírito. É uma relação proibida, sim, mas não por eles, que não se

proíbem a si mesmos nem ao seu amor, mas pelos valores estruturados dos outros, do patriarcado familiar, da sociedade, de tudo aquilo que não está preparado para os arredores da sua relação. Se descoberta, ela, Isaura, será ostracizada pelos seus; o divórcio, será uma utopia neste século; a separação, será um crime equiparado a duplo homicídio. Por sua vez, José, e nesta ilha obviamente, não encontraria trabalho em qualquer Quinta, vendo-se condicionado a emigrar, levando no alforge a sua última fé, fugindo para coordenadas incertas. Desabraçam-se finalmente. Encaram-se. São dois olhares que estão à mesma altura, não obstante ser Isaura quem entra pela íris acastanhada de José, delicadamente, como só uma mulher sabe, na busca de hipóteses imergidas.

- O que tens?

José beija-a. Leva as suas mãos ao rosto dela, acaricia-lhe as maçãs do mesmo, resgata a ternura do sentimento.

- Ouviste as notícias?

- O rádio nem foi ligado. Apenas tomei banho e vim.

- E não te apercebeste de sussurros entre os trabalhadores?

- Não.

- Ou em casa, algum comentário das criadas, de Henrique talvez?

- Estás-me a assustar, José! O que é que aconteceu?

- A Guerra. Começou!

Isaura mantém-se igual. É uma expressão isenta de preocupação, assim parece; a matemática da apreensão não adiciona José à equação da circunstância actual, tampouco esta maldita guerra ter que ver com eles.

- Estás abalado?

Mas não. É uma falsa ingenuidade, indiferença muito menos. Isaura é brava, percebe instantaneamente os estragos que este anúncio traz, desde os estilhaços da esperança aos fragmentos do amor. Mantém-se juntos. O silêncio invadiu José; a sua postura não tem filtros. Ele tem medo, mas tem muito mais de perder Isaura. Para sempre. Voltam a abraçar-se. Ela percebe afinal: José fugirá. A comoção apossou-se dos seus corações, ambos sentem como jamais pensaram um dia sentir. As aves chilreiam ainda. Algum bis-bis se deverá ter juntado à

fauna voadora. A ária é harmoniosa. Dão as mãos. Isaura traz à conversa algo que parece não ter nada a ver com o assunto, o que é errado, porque é precisamente o oposto, tem que ver com tudo.

- *Na biblioteca da casa encontrei um livro maravilhoso. Estou a lê-lo. Tem o nome de Fédon. Conheces?*

- *Nunca ouvi, nem li tal coisa.*

- *É de um autor chamado Platão.*

- *E porque me falas dele?*

- *Porque o autor trata da imortalidade da alma.*

José começa a perceber, sobretudo a astúcia de Isaura, sem maldade com certeza. Pergunta-lhe.

- *Acreditas?*

- *Acredito que o que temos não acaba aqui; acredito que é demasiado forte para morrer connosco, intenso para se extinguir dentro das nossas almas.*

- *Dizes que neste mundo, então, não há nunca uma verdadeira morte?*

- *Digo que as nossas almas são naturezas distintas dos nossos corpos; digo que elas vivem e purificam-se, amam-se e encontram-se, neste e noutro mundo.*

- *E eu digo-te, minha querida, que é certa a morte neste mundo, e se há outro, teremos primeiro que ultrapassar este. Não discordo do teu autor, mas não tenho a certeza desse reencontro.*

José afigura a despedida. É algo que não quer, nem ninguém, apartar-se de uma alma que pode tão só decidir ficar neste mundo.

- *Mas não é uma despedida, meu querido. O autor coloca-nos num mundo com sentido. Esse sentido é o amor. E nós amamo-nos.*

Até que. Assim, de rompante, loucamente lúcido, José pede-lhe.

- *Vem comigo, Isaura. Vem! Não tragas já todas as barreiras para cima da deliberação. Não te demores no pensar. Vamos fugir! Conseguimos, verás. A roupa é o menos importante,*

apesar desta pressa de sair o quanto antes da Madeira. Depois de amanhã, pela madrugada, o Cruzador Schlesien ruma para a América do Sul. Podemos embarcar. Vamos!

No mesmo instante, Isaura aperta veemente as mãos de José, sem magoar e ofender, apenas no jeito simétrico de uma transfusão amorosa perfeita, duas correntes sanguíneas que se misturam harmoniosamente. Isaura responde-lhe.

- Também eu te podia pedir para ficares junto de mim, não é assim? E tu, José, arriscarias ficar escondido ao longo da indeterminação desta guerra, iludindo aqueles que te querem ver a batalhar?

Não responde. Ele sabe que também é assim, que a verdade é plena, reúne todos os ângulos, não deixa nenhum dos lados de fora. Isaura resume.

- Não posso, José. Não posso ir. Tu sabes.

Mas podia. Tem vinte e sete anos. Objectivamente, não tem nada que a prenda, mesmo a sua mãe, que sabe que ficaria bem; subjectivamente, tem tudo a atá-la, a mãe que a quer ao seu lado, Henrique, com quem casará, a propriedade para comandar. Acontece que José é o seu amado, é aquele quem ela ama em todos os lugares do seu corpo e da sua alma. Tem sido assim desde há cinco anos. Não precisou de muito tempo para saber e sentir isso, sabendo logo que José Bual era diferente dos que chegavam e partiam, admirando-o na entrega que dedicava às tarefas; diferenciando-o na timidez das conversas, no trato educado entre os seus pares, ígnaros quase sempre; aproximando-o e aproximando-se dele, trazendo-o e deixando-o entrar aos poucos para o seu coração. Mas José tem de insistir.

- Tens pelo Henrique uma gratidão impagável, não é?

- Sabes que sim, José. Não te desminto.

- E Isaura: essa gratidão é a justificação da decisão para a vida amorosa?

Henrique Terrantez tem quarenta e dois anos. Ele entra na vida de Isaura quando esta é acolhida, a pedido de Dona Adelaide, a sua mãe, aos dezasseis anos na propriedade da família Terrantez. Henrique disse logo que sim. Não houve perguntas, exigências, recusas ou desculpas, porque simplesmente poderia ter havido isto tudo, vindo de alguém que podia dizer não. Henrique foi aquilo que a mãe de Isaura esperava ser: cristão. Isaura sentiu-se agradecida, sem que Henrique lhe pedisse isso, tão-pouco qualquer favor em troca. Além do mais, saber que a sua mãe se encontrava também ali a trabalhar, com condições dignas nunca vistas pela sua

progenitora, fê-la olhar para Henrique de uma maneira especial. O amor não era amor, mas uma forma de amor diferente do habitual. A gratidão nasceu; a gratidão ficou. Para Henrique, não. Esse amor enveredou por outro labirinto, terminou na única saída das vias possíveis: a paixão. Isaura fazia-o sorrir, falava-lhe de banalidades, contava-lhe histórias que lhe contavam em pequena, era ousada, tomava a liberdade de lhe perguntar coisas, escutava-o nos seus piores dias, tinha tudo aquilo que Henrique entendeu ser a bondade em pessoa. Não foi surpresa que Henrique pedisse a autorização da mão de Isaura à sua mãe. Aceite, claro. Para a Dona Adelaide, o sonho pregou-lhe uma valente partida, longe de imaginar que o senhor patrão se enamorasse da sua filha. Isaura só pediu que não se casassem logo. Ela tinha ainda dezoito anos. Queria fazê-lo mais tarde. Henrique concordou. Esperava o tempo que fosse preciso, nove anos como foi.

- Deixá-lo seria penoso, José. Para ambos, para a nossa união.

José não insiste. Mas quer um abraço. Tão só um abraço. Ama-a muito. Pressente a despedida. O amor que habita no intervalo dos seus olhares acena-lhe melancolicamente, nessa sensação do pano cair em pleno palco, terminado o acto final, concluído o espectáculo. Não há reposições programadas. É a última vez. José vive-a no fundo de si. É lá que está a chorar, durante o dia dessa profundidade, sossegado, sem que ninguém saiba dele. Poderia regressar, sim; até poderia vir saber se Isaura estaria ainda na propriedade. Porque se Platão tem razão, e as suas almas estão condenadas a viver juntas, embora tivessem passado largos anos, as mesmas manter-se-iam imortais, e os dois, imortais estariam. Até poderia, sim. Como regressar e Isaura não estar, ter partido também, talvez à sua procura, talvez à procura de outro, talvez à procura de si mesma, ficando cada vez mais difícil a continuidade das suas almas, provavelmente desencontradas, certamente a vaguear por aí. Este tempo é, assim, determinante. José observa-o e agarra-o para dentro deste mundo, toma-o na palma da sua mão, colhe-o carinhosamente, não quer pensar que pode haver outro à espera dele e de Isaura. Pergunta.

- Podes ficar comigo até à noite?

Isaura chora. Também tem uma habitação no núcleo central da terra, com porta e tecto, onde se pode pôr lá dentro sem ninguém a estorvá-la. Platão é um belo poeta, mostra-lhe uma açoteia, só que não diz se ela está num palácio. Quer pensar que sim, que voltará a ver José nesta vida, se possível, mas sabe que a partir do momento em que se descruzam as suas existências, fica mais incerto o seu reencontro, talvez porque José possa não vir mais, porque possa não querer, ou tão só porque possa morrer.

- Claro que fico.

José sorri. Não o fazia há largo tempo, desde que aquela voz, na rádio, veio virar a ilha do avesso. Toma a mão de Isaura. Convida-a a caminhar um pouco. Pergunta-lhe.

- Sabes o que é um nocturlábio?

A expressão de Isaura diz que não. José define. E explica.

- É um instrumento náutico. Nas viagens, os exploradores serviam-se deles para calcular as horas à noite através dos movimentos das estrelas.

- E porque te lembras dele?

- Porque ele nos ajudará a calcular o nosso ponto de encontro no universo. Se existem mundos, então eles deverão, lá em cima, estar calculados a encontrarem-se. Sempre que nos quisermos ver e encontrar, só teremos de olhar as estrelas, guiarmo-nos pelos seus movimentos, aguardar pelos seus sinais.

- E saberemos lê-las?

- Saberemos. E se não estivermos a conseguir, elas virão ao nosso encontro, ajudar-nos-ão a comunicar, não nos deixarão perder um do outro.

Isaura comove-se. Mas a comoção traz o sorriso. Também já se tinha esquecido dele, tamanha a emoção que escalou os cumes desta ilha, os vales deste Porto da Cruz, também eles à espera de ver o sol a ir embora, de se deliciarem com a sua fuga, contemplando os vestígios da sua passagem.

Capítulo 3

PLEIÂDES

A temperatura mudou. Margarida Verdelho sente um arrepio. É normal. Experimentou apenas um *Madeira Vintage* ao jantar. É uma opção sua, de inteira seriedade, claro está, bem contrária à dos trabalhadores que não dispensam a gentileza do patrão Henrique, concluída a jornada agrícola. Nem notam o arrefecimento, decerto consequência do álcool que já circula naquelas correntes sanguíneas. Estão felizes. Celebram o esforço alcançado, a dedicação implícita nele, a glória de uma arte conseguida, desde o transporte à aguardentação, passando pela moagem ao engarrafamento. Uns, dançam, mais assimétricos do que harmoniosos; outros, estão sentados, mais sonolentos do que cansados. Mas todos riem, tropeçam na alegria desmedida; conversam animadamente, gozam uns com os outros; contam episódios que se gravaram na memória colectiva, recuperam anedotas da oralidade popular; e até confessam, os que querem confessar, os planos traçados para os próximos meses. A noite principiou. Há brindes por fazer. O patrão deixa-os estar à vontade. Ainda são vinte horas.

Henrique Terrantez observa-os. Está onde tem estado nestes últimos quatro anos, preso à cadeira de rodas, impedido de andar ou correr com os seus trabalhadores, pois se pudesse fazê-lo, fazia-o seguramente. Está feliz por eles, não obstante este ano de 1931 ter sido difícil. Ainda se sofre com a devassidão da Grande Depressão Americana, que embarcou e navegou pelos oceanos e continentes existentes, aportando em todos os sítios possíveis. A Madeira não foi excepção. Para Henrique, a linha do horizonte continua a esvoaçar por aí, desaparecida do seu olhar, amuada com a sua propriedade. Às vezes, até parece que ganhou vida própria, e agarrou surpreendentemente o seu pescoço, sem o matar, mas lembrando-lhe que pode fazê-lo a qualquer instante. Ora foram as revoltas, a reunificação de sentimentos autonomistas, o dissabor político e militar que destabilizou o mercado; por outro, ora foi a redução drástica da exportação das canas, a falência de casas bancárias madeirenses, a dificuldade de assegurar pagamentos àqueles que tê-lo-iam por direito. Margarida aproxima-se.

- Estão muito felizes, não é Sr. Henrique?

A pergunta é de retórica. Margarida é educada, tão só. Ela sabe que eles estão felizes. Henrique já não fala. A linguagem morreu-lhe quando a poliomielite se fixou nos seus centros nervosos, espinal medula incluída, causando-lhe múltiplas paralisias. Tinha cinquenta e cinco

anos quando foi colhido pela doença. Continua forte, embora o tropeção biológico que a vida lhe pregou. Margarida pergunta-lhe.

- *Quer que lhe vá buscar um cobertor, coloque-o sobre as costas?*

Henrique gesticula negativamente. Mas agradece-lhe. Ditosamente, a doença não lhe levou o sorriso, o seu olhar também, a partir dos quais o agradecimento se expressa. Tem sido uma excelente pessoa. Margarida tem-lhe um apreço incalculável. E à Srª Isaura, muitas vezes a sua única companhia. Aliás.

- *Viu a Dona Isaura, Sr. Henrique? Sabe onde é que ela pode estar?*

Henrique aponta. Tem o braço bem erguido, a mão incrivelmente imóvel. Para Margarida, é a certeza de que ela está onde adora estar, junto aos baloiços, no outro lado do jardim. Decide-se a ir. Henrique não se importa certamente.

- *Vou ao seu encontro. Com a sua licença.*

Henrique concede-a, nem tinha como negá-la. Sabe que Margarida tem sido um apoio à sua mulher. Isaura está diferente. Mudou. E não são as alterações físicas, porque essas, não se impedem; mas as anímicas, que se modificaram significativamente. O nascimento de Laura apaziguou a inquietude. A filha trouxe-lhes a serenidade que se havia perdido, nomeadamente a Isaura, depois de Henrique ter negado a paternidade de Manuel. Para ela, foi inesperado; para ele, seria inconcebível. Isaura foi audaz na sinceridade, quando lhe disse que esperava um filho, mas que não era seu. E quem era o pai, esse, Henrique nunca saberia quem. Podia investigar, ceder à intriga, mas ela negaria sempre o nome apontado. Henrique isolou-se. Considerou expulsá-la da *Quinta*; ponderou desterrá-la. Não o fez. Mas exigiu-lhe a obrigação de aceitar o que ele queria fazer. Isaura pediu-lhe que se providenciasse o melhor possível para o filho, que não fosse entregue a um orfanato, que não morresse numa levada qualquer. Henrique acedeu. Propôs a sua adopção pelo casal caseiro mais fidedigno, a família Sercial. Estes juraram nunca contar a verdade. Manuel nunca saberia a história real, apenas a fictícia, cuidadosamente encaixada. Isaura teve de aceitar. Nem jamais vê-lo. E se um filho deles nascesse, como nasceu Laura, em nenhuma condição poderia estar com Manuel, muito menos saber que era o seu irmão. Margarida sabe disto tudo.

- *Boa noite, minha senhora!*

- *Olá, Margarida.*

- Assustei-a?

- Nada disso.

Convida Margarida a sentar-se ao seu lado. Esta diz.

- Não pude deixar de reparar que observava o céu.

- Tão estrelado, não é Margarida? Já pensaste alguma vez que as estrelas, ao invés do sol e da lua, não são eclipsáveis?

Isaura tem vindo a observar o céu há muito tempo. Foi aprendendo a desenhar no ar as suas constelações, a ler as mitologias por detrás dos seus nomes. Apaixonou-se pelo céu. Pede a atenção de Margarida.

- Segue o meu dedo! Assim, vês? Consegues acompanhar a linha?

Margarida esforça-se no alinhamento visual. Não é fácil. Esta abóbada celestial está povoada de pontos sarapintados de branco, e o pedaço de céu para onde olha pode não ser aquele que Isaura supõe que ela descobriu. No entanto. A felicidade não é morosa.

- Descobri, Senhora. Estou a ver! Já encontrei a sua forma.

- São as Plêiades.

Tão belo este grupo de estrelas na constelação de Touro. Margarida conhece-as. É versada em letras, tem pela antiguidade clássica um fascínio especial. Só não sabia onde estavam no céu. E ver torna tudo tão diferente. Não é só uma história; é também uma visão. Isaura confessa-lhe.

- Gosto de pensar que dentro dela está a intersecção de dois mundos, aquele ponto exacto onde as nossas almas se cruzarão.

José Bual, obviamente. Isaura trá-lo consigo. O céu é a sua açoteia. Recupera vezes sem conta a conversa sobre Platão, acerca do universo, de estar-se a levitar num planeta, dentro de um infinito incalculável; e sobretudo, quando encerraram a conversa naquela despedida, e se entregaram um ao outro, fazendo amor sob outro céu, outras estrelas decerto. Isaura pensa nele. Sempre pensou. Continuamente. Desde 1917, quando soube que tinha falecido no Brasil, a bordo de um navio afundado pela Força Naval da Alemanha Imperial. Isaura chorou muito. Tinha guardada a expectativa do regresso de José, bem posta no tempo que restava para a guerra terminar, apenas com a roupa que trazia no corpo, atravessando o Atlântico para vir ter consigo.

Tinha, sim. Mesmo que a expectativa fosse incerta, que toda a ilusão pudesse ser a verdade afinal.

Margarida comove-se. E nota que Isaura não está bem. É uma quebra emocional. Há qualquer coisa que está a acontecer, e ela sente tudo, pressagia o pior, como se um arrepio perpassasse pela sua alma. Que calafrio. Há coisas que não se explicam, são do foro intuitivo, metafísico mesmo. Leva as mãos ao coração. Isaura está inquieta, olha para tudo quanto é sítio, parece sair de si mesma. Margarida está apavorada. Não sabe o que fazer, se correr pela casa a pedir ajuda a algum trabalhador, se pedir a alguma criada que mande chamar o Doutor. Passam poucos minutos das vinte horas. Isaura agarra a mão de Margarida. É um rosto com medo; é um olhar desesperado. Pergunta-lhe.

- *Onde está a Laura?*

Último capítulo

CISNES-BRAVOS

O Sol partiu para o hemisfério sul. A noite chega. E a execução do plano. Manuel e Laura chegaram ao Fortim, às ruínas do mesmo. Soterrado ali, está também um saco com roupa, já lá posto na noite anterior, porque há sempre algum salpico de sangue ocasional. Manuel tem a certeza. Irá despi-la, trocar com aquela que vestirá, onde estão estampados dois cisnes-bravos, eles que significam a breve vida da luz. Sabe do seu significado xamã. Tem essa brevidade na mão, esse fulgor da luzência, esse poder de pôr termo.

Descobriu tudo. Atrás das portas, ora aqui, ora acolá, confirmando suspeitas, sabendo de quem é filho, quem o não quis, a simulação da realidade, a ilusão da sua vida. Até que. A consciência encardiu-se. Obrigou a sua mãe a confirmar tudo, e fê-lo, encostando-lhe uma faca à jugular, ela, que para todos os efeitos, continuava a ser a mãe que o amava. Impotente, vendo que a sua mulher poderia morrer logo ali, o Sr. Sercial teve de quebrar o juramento. Disseram-lhe tudo. O ódio cegou-o; o amor não chegou a tempo, atrasou-se, viu o mal partir à sua frente. Manuel não tardou a engendrar os planos dentro do plano final – assassinar a irmã. Ficou alegre com a doença de Henrique. Não hesitou em pensar que Deus estava consigo. Mas era Isaura que queria. A família Sercial tentou mostrar-lhe que a Senhora não teve culpa alguma. Foi indiferente. Para José, isso não interessou. Soube logo que, *caminho andado para a sua morte,* era dar-lhe a conhecer a morte da sua filha. Para uma mãe, não há pior morte senão esta – o tempo deixa de ser paz e transforma-se em guerra. Ameaçou a família Sercial. Os caseiros tiveram-lhe de lhe prometer que não diziam nada aos patrões, porque ao mínimo descuido, um leve pressentimento, uma palavra ouvida, não vacilaria em abatê-los. Sem piedade, sem comiseração. Assim mesmo, àqueles que lhe deram tudo, lhe contaram histórias sobre viagens, lhe alimentaram, lhe vestiram, lhe providenciaram um abrigo, que não lhe faltaram com nada.

Chegaram. Laura julga que este é o lugar do *Livro Mudo.* É claro que Manuel urdiu-lhe a armadilha, fê-la acreditar que tal livro existe, que há uma página em branco à espera de se escrever, que quem segura-o deixa o seu segredo gravado, nunca lido por outro, eternamente encerrado entre os outros que já lá estão. Não havia como recusar. Laura veio. Iludida, mas crente. Não pressente o seu fim. Se o fizesse, não hesitaria em pensar noutro poema, de Francisco Álvares de Nóbrega também, lendo-o para si mesmo "*Entre desgosto e desgosto / Caminho ao meu triste fim / Como se já para mim / Da vida o Sol fora posto / As manchas que*

tem meu rosto / Da morte são já matizes / Meu mal tem fundas raízes. / E quer a acerba desgraça / Que eu brilhante época faça / No livro dos infelizes. / Quem deste fatal volume / Quizer combinar os factos / Em mim os tem mais exactos / Mais fieis do que presume / A minha vida resume / Todo o rigor d'impios fados / Enfim se forem lembrados / Nos tempos mais horrorosos / Se julgarão fabulosos / Os meus dias desgraçados". Em última instância, talvez o leia a Manuel, em modo de súplica, ou não, somente o último desejo ante o seu cadafalso. Mas ela não pressente. Ainda pergunta.

- *O que vais escrever?*

Manuel não responde. Só leva as mãos às suas costas. Tem a faca presa nas calças, encoberta com a camisola. Segura-a já na sua mão direita. Não parece hesitante. Laura continua.

- *Eu sei o que vou escrever!*

Manuel está calmo. Sente a intensidade da fugacidade, a formosura da luminescência. Tão linda. Não obstante, quer saber o que Laura irá escrever.

- *E é o quê?*

- *Que desejo conhecer o meu irmão.*

Passam poucos minutos das vinte horas. Está tão estrelado o céu. É agora. Sem hesitar. Manuel vai matá-la. Finalmente vão-se conhecer.